

Ações dos bancos credores do País caem na Bolsa de Nova York

REGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Enquanto o Ministro da Fazenda, Bresser Pereira, discutia a dívida externa em Washington, os bancos credores sofriam o primeiro grande revés após a divulgação da proposta brasileira. A Bolsa de Nova York começou a semana em baixa, que afetou principalmente as ações dos bancos credores do Brasil.

A queda na Bolsa, entretanto, não é a principal consequência para os banqueiros, segundo o analista James McDermott, da firma Keefe Bruyette and Woods, mas pode ser o início de uma série de más notícias.

— Os bancos vão colocar mais ações à venda. No caso do Citibank, cerca de US\$ 1 bilhão, e do Manufacturers Hannover, cerca de US\$ 250

milhões. Com a proposta brasileira, e não havendo perspectivas de solução para a dívida do Brasil, as ações já começarão a ser vendidas com pressão de baixa em Wall Street — disse o analista.

Hoje, chega a Nova York o negociador oficial da dívida externa, Fernando Botelho Bracher, acompanhado do Secretário Especial do Ministério da Fazenda, Yoshiaki Nakano. Os dois farão contatos com os banqueiros credores antes de seguirem viagem para Tóquio, na tentativa de convencerem banqueiros americanos e japoneses da necessidade de um acordo sobre a dívida brasileira. A proposta brasileira, todavia, só deverá ser apresentada na reunião do dia 24, em Nova York.

Os credores, por sua vez, ainda não marcaram reunião do Comitê de

Assessoramento da Dívida Brasileira. Mas todos são unânimes em comentar que “não aceitam a proposta brasileira e, se for de modo voluntário, nenhum banco aceitará os **exit bonds** oferecidos pelo Brasil. Ninguém aceitou no caso da Argentina, que foi ao FMI. Por que iríamos aceitar no caso do Brasil, que não foi?” pergunta uma fonte bancária.

Mesmo com a divulgação do relatório do FMI sobre a economia brasileira, hoje, os banqueiros credores esperam é ver dinheiro o mais rápido possível, para que não tenham que reclassificar o Brasil como perda, o que rebaixaria o crédito brasileiro por muitos anos no mercado americano, e o colocaria ao lado de países como Nicarágua, Peru e Zâmbia.